

Termos em discurso

Manuel Célio CONCEIÇÃO
(Universidade do Algarve)

A terminologia ocupa-se do estudo e da descrição de vocabulários técnicos e científicos, considerados como subconjuntos de unidades lexicais de um sistema linguístico usados em situações de interação comunicativa, no âmbito de um determinado domínio do saber ou de uma esfera de actividade humana. Trata-se de um domínio interdisciplinar que, para além de conhecimentos linguísticos, envolve conhecimentos de natureza pragmática e extralinguística, conhecimentos oriundos das ciências da cognição e dos domínios do saber em que se usam esses vocabulários.

No quadro das ciências da linguagem, considera-se para o estudo terminológico a construção linguística do discurso, ou seja, a verbalização que envolve a denominação (morfologia e semântica) na sua realização discursiva (sintaxe e análise do discurso). Os discursos em que se actualizam as unidades terminológicas têm enquadramentos pragmáticos e editológicos específicos que caracterizam a sua redacção e divulgação e que especificam as situações de interação comunicativa em que ocorrem. Os termos que são usados nesses discursos são denominações de conceitos relativos a domínios específicos.

A grande problemática em terminologia continua a ser a relação entre conceitos e denominações e a relação entre unidades terminológicas e unidades lexicais não terminológicas. A delimitação destes conceitos leva, depois, à questão do acesso à informação veiculada pelas denominações ou outros processos de verbalização de conhecimentos em discurso.

Do ponto de vista teórico, para analisar os termos em discurso, no seguimento de Conceição (2001), encaramos os dados terminológicos no quadro das perspectivas da teoria comunicativa da terminologia (Cabré, 1999), da abordagem sociocognitiva proposta por Temmerman (2000) e da socioterminologia (Gaudin, 2002).

Afirmar que se estudam os termos nas suas realizações discursivas subentende uma concepção específica das unidades terminológicas e implica uma abordagem essencialmente semasiológica.

As unidades terminológicas devem ser consideradas como unidades lexicais que apresentam particularidades específicas no que respeita à sua relação com o referente, com significantes, que podem incluir representações não alfabéticas ou não silábicas, e com significados, supostamente, mais precisos e mais controlados pela situação de interação comunicativa em que ocorrem, verbalizando conceptualizações num domínio particular.

As unidades terminológicas são, então, consideradas, na nossa perspectiva, como unidades lexicais com estatuto específico que lhes é atribuído pelas condicionantes cognitivas, discursivas e sociais; denominações de conceitos, ou seja, sínteses verbalizadas de elementos do esquema definicional que estabelecem a relação entre traços conceptuais e traços de denominação. Trata-se de "units of understanding", seguindo a terminologia Temmerman (2000). Esta denominação engloba as características acima enunciadas e salienta que os termos veiculam conhecimentos e permitem a sua compreensão/interpretação.

O estudo da terminologia, nesta perspectiva em que se estuda a verbalização de significados, de conceitos e de conhecimentos, é, assim, também visto como um estudo de relações

entre linguagem/língua/discursos e cognição e os seus resultados põem em evidência não só aspectos linguísticos mas também aspectos cognitivos da representação verbal dos conhecimentos e da construção cognitiva dos significados.

Os dados para o estudo terminológico, de acordo com estas concepções, são, portanto, extraídos de manifestações discursivas das designadas línguas de especialidade¹. Segue-se, então, uma abordagem semasiológica, utilizando como material para análise, *corpora* de discursos de especialidade à luz de metodologias usadas na linguística de *corpora* e tirando partido de potencialidades da informatização desses *corpora*, utilizando metodologias de extracção e análise da informação linguística facultadas pela linguística computacional. Estas opções teórico-metodológicas inserem-se, por isso, no âmbito da terminologia textual. Neste quadro, deve ser levantada a questão dos critérios de constituição dos *corpora*, que aqui não desenvolvemos, de forma a fundamentar, da melhor forma, a escolha feita, interessando não apenas a especialidade e o grau de especialização a que os discursos seleccionados dizem respeito, mas também, e sobretudo, os aspectos extratextuais que os caracterizam como a autoria, o veículo de divulgação utilizado e a intenção com a qual foi produzido².

Estudar os termos em discurso é, desta forma, fazer o estudo do funcionamento discursivo das unidades terminológicas³ actualizadas em contextos comunicativos e sociais específicos. A concepção das unidades terminológicas acima exposta, assim como a abordagem semasiológica com que encaramos o trabalho terminológico, baseiam-se numa concepção dinâmica da significação cuja (re)construção é determinada por aspectos relacionais inerentes à estruturação discursiva e aos aspectos sociais, comunicacionais, editológicos e cognitivos que condicionam e caracterizam o discurso. Os conceitos e as categorias verbalizados são considerados unidades não necessariamente fixas por serem, em grande parte, dependentes do contexto e de saberes prévios de quem os verbaliza e interpreta.

No sentido de aceder ao conhecimento da especialidade e à produção de conhecimento, uma vez que este é um dos objectivos da ciência terminológica, partimos da análise da construção discursiva, evidenciando a forma de encenação discursiva/comunicativa do saber, que é, também, uma forma de socialização dos conceitos. Propomos, por isso, uma metodologia que visa identificar sequências de reformulação discursiva para, depois, analisar a informação veiculada. Situamo-nos em contextos diversificados tais como a terminografia, a lexicografia de especialidade, a redacção técnica, o ensino das línguas de especialidade ou a tradução.

Defendemos uma análise de processos e de mecanismos de construção da informação textual, partindo da identificação, em contextos, de sequências de reformulação, considerando que estas sequências evidenciam processos cognitivos e linguísticos inerentes ao processo de verbalização dos conhecimentos. O acesso ao conhecimento verbalizado nos discursos técnicos e científicos é uma questão prioritária para o leitor/utilizador destes discursos, sendo-lhe requeridos conhecimentos sobre o domínio a que o discurso diz respeito, para além dos conhecimentos linguísticos de língua corrente e do funcionamento da língua (terminologia e não só) na respectiva especialidade⁴.

O estudo dos termos em discurso e as informações conceptuais e denominativas que daí se extraem enfatizam o lugar da terminologia no âmbito das ciências da linguagem, dado que parte do princípio segundo o qual as unidades terminológicas são unidades lexicais que ocorrem em contextos específicos e que denominam conceitos sincronicamente delimitáveis no seio de domínios específicos do conhecimento ou de esferas de actividade particulares.

Uma reformulação terminológica é uma sequência discursiva, de alguma forma estereotipada, em que ocorrem o termo, um conector de reformulação e a reformulação propriamente dita. No exemplo 1,

(1) O etanol, embora não seja um medicamento, ...

etanol é o termo, *embora* é o conector de reformulação e a sequência iniciada por *não seja um medicamento* é a reformulação.

Na construção de qualquer discurso, um enunciador sente a necessidade de retomar as suas afirmações e de as verbalizar de forma diferente para encadear a informação e os conhecimentos que pretende transmitir. Em termos formais e estilísticos, a reformulação, feita, entre outros, por paráfrase, por anáfora ou por catáfora, visa evitar a repetição. Em termos da arquitectura cognitiva do discurso, a reformulação é feita, por exemplo, para explicar, para corrigir, para desenvolver, para retrointerpretar, para refutar informações anteriormente verbalizadas ou até para fornecer definições textuais de termos. Em suma, a reformulação é uma consciencialização da eventual falta de adequação do discurso ao universo de referência ou às condições de interacção e ao processamento da informação pretendido. Sendo a reformulação uma constante de qualquer discurso, independentemente da sua relação ou não com uma especialidade, no âmbito da investigação em terminologia, uma unidade terminológica é, assim, reformulada em discurso, para explicitar o seu conteúdo semântico e cognitivo, para refutar o seu uso, para corrigir a denominação, entre outros. Ainda que de um ponto de vista meramente discursivo as reformulações comecem por ser repetições totais ou parciais em contexto diferente, na nossa óptica estas estratégias de construção discursiva:

- contribuem para a categorização e facilitam a progressão da compreensão;
- facilitam a construção e a representação de conceitos no discurso;
- são acontecimentos estruturados que funcionam no interior de modelos cognitivos;
- têm natureza metalinguística e metacomunicativa sobre a língua e sobre a interacção comunicativa;
- correspondem a redes semânticas que estimulam processos cognitivos de inferência e de dedução que se completam pela interpretação do implícito, dos conteúdos semânticos e dos índices transfrásicos;
- promovem a construção do conhecimento.

Ainda que não possamos aqui especificar aspectos da questão da identificação de termos, lembramos que ela é uma das principais tarefas do terminólogo. Esta identificação tem sempre em conta os contextos em que ocorrem. É da análise atenta destes contextos e das ocorrências, no seguimento, por exemplo, da perspectiva *key-word-in-context* (KWIC), que decorre a verificação da existência de sequências de reformulação discursiva e terminológica. Como afirmou Carreira (1999: 245), "l'étude des reformulations textuelles fournit ainsi au linguiste un ancrage lui permettant de cerner certains liens entre des choix énonciatifs et des effets interprétatifs".

O estudo das reformulações visa, portanto, aceder a traços conceptuais através da construção discursiva da significação e obriga a considerar, no âmbito da terminologia as relações entre denominações, entre denominações e o que acerca delas é dito no discurso e entre as unidades terminológicas.

Enquadrado o conceito de reformulação terminológica no âmbito desta nossa perspectiva da ciência terminológica, importa, então mostrar a metodologia de identificação das sequências de reformulação.

A identificação das sequências de reformulação poderia partir da análise dos contextos e das ocorrências dos termos do domínio previamente identificados, aplicando ao *corpus* um dicionário⁵ previamente estabelecido, o que seria muito moroso e que não permitiria extrair novos termos que não constassem do referido dicionário.

Considerando os elementos de encadeamento frásico e de coesão textual e, especificamente, as investigações feitas sobre conectores reformulativos, sobretudo Rossari (1997 e 2000), assim como trabalhos sobre tipologias da reformulação no âmbito da terminologia, Chukwu e Thoiron (1989), e uma metodologia já testada (Conceição, 2001), propomos que a pesquisa das reformulações no *corpus* seja feita a partir dos contextos e das ocorrências desses conectores e marcadores. Seleccionados estes contextos e estas ocorrências, que constituem o *corpus* de análise, numa segunda etapa pesquisar-se-á por coocorrências os casos em que os referidos conectores surgem junto a um termo do domínio. Feita esta pesquisa, teremos o conjunto dos contextos de termos seguidos (ou eventualmente precedidos, consoante o tipo de estruturação sintáctica) de conectores de reformulação.

A última etapa para a identificação das sequências de reformulação consiste na verificação de cada uma das co-ocorrências acima descritas, no sentido de se verificar se efectivamente correspondem a reformulações.

Estas etapas podem ser feitas de forma semi-automática, dado se tratar de um *corpus* informatizado, e desde que se utilize "software" adequado à análise de concordâncias que permita a construção sucessiva de filtros de pesquisa.

A análise destas sequências e a sua posterior sistematização facilitarão a extracção de informação (de ordem cognitiva, denominativa e discursiva) e o acesso aos conhecimentos verbalizados. Pode, então, proceder-se à extracção da informação aduzida pela reformulação.

Para esta sistematização, consideramos que cada designação de um conceito, ou seja cada ocorrência discursiva da sua denominação ou de uma das suas denominações, nunca o delimita inteiramente e cada verbalização ajuda a esta delimitação. As diferentes verbalizações, resultantes de diferentes níveis de conceptualização, evidenciam a multidimensionalidade das denominações terminológicas e dos termos, e permitem que as informações delas extraídas possam ser utilizadas com fins diversos para além da mera definição terminológica.

A análise das sequências reformulativas permite evidenciar aspectos como⁶:

- a presença de outros no discurso (*como dizem / afirmam / defendem / consideram, alguns autores*);
- marcas da não assunção de responsabilidade das afirmações (*segundo as afirmações de X*);
- marcas da reivindicação de autoridade (*como defendemos / demonstrámos em*);
- informações relacionadas com o nível de língua (*termo popular, termo erudito, vulgarmente*);
- dados sobre o processo de categorização / conceptualização e sobre relações lexicais (*também designado, com o mesmo significado, incluem-se em*);
- informações sobre harmonização terminológica (*preferimos, é de preferir a designação, termo incorrecto*);

- a presença de variantes ou de abreviaturas (*X ou Y, X também chamado / designado Y*);
- informações sobre o domínio ou sobre os domínios conexos (*que em X designa, aqui considerada como*);
- a explicitação de mudanças conceptuais ou denominativas (*antes designado / chamado / considerado, por outros designado / chamado / considerado, anteriormente*);
- paráfrases explicativas (*por outras palavras, ou seja, isto é*);
- exemplificações (*por exemplo*).

A análise das reformulações e a sistematização da informação nelas contida é feita concebendo a existência de quatro grandes tipos de relações entre os valores cognitivos e semânticos do reformulado (X) e da reformulação (Y), a saber:

- $X = Y$, em que estaremos, aparentemente, em presença de sinonímias ou de co-hiponímias;
- $X > Y$, em que encontraremos relações do tipo hiperonímico ou holonímico;
- $X < Y$, que mostra a existência, por exemplo, de hiponímias ou meronímias;
- $X \neq Y$; relação que pode pôr em evidência, por exemplo, correcções ou precisões terminológicas, assim como informações de categorização cognitiva do conhecimento não reveladas pelas relações anteriores.

De facto, a partir da análise de reformulações de dados de construção discursiva, de marcas de conceptualização e de elementos de verbalização (de tipo denominativo, fraseológico ou colocacional), podemos, com maior precisão, aceder aos conhecimentos verbalizados no discurso. Será assim mais fácil a redacção de definições, a harmonização terminológica e, numa óptica de tradução, este acesso à informação na língua de partida delimita os conhecimentos e facilita a escolha das verbalizações correspondentes nas línguas de chegada.

A informação a que se acede, a partir da análise das sequências reformulativas em discursos de especialidade, refere-se a unidades lexicais e discursivas, a relações lexicais, a mudanças conceptuais e/ou mudanças denominativas, a construções sintácticas (relação reformulado / reformulação, determinada pelo tipo de conector), a aspectos da comunicação especializada, considerando sempre a situação de comunicação, de difusão e de recepção do conhecimento.

De acordo com o que acima é afirmado, podemos distinguir três grandes classes/tipos de reformulação que são as reformulações discursivas, as reformulações denominativas e as reformulações da vertente cognitiva das unidades terminológicas e do semantismo correspondente.

O primeiro tipo de reformulações refere-se à ancoragem do processo comunicativo no espaço discursivo, mostra traços das operações de construção da sequência de exposição dos conhecimentos. Esta informação tem particular interesse para a redacção técnica e científica, para além do interesse em actividades de indexação, por exemplo.

O segundo tipo fornece informações sobre a denominação; informações que interessam, por exemplo, para a harmonização terminológica e para a tradução técnica e científica.

As reformulações do terceiro tipo ajudam a delimitar conceitos e, logo, a estabelecer conceptologias e ontologias, estruturando os domínios do saber e das esferas de actividade, além de exporem traços conceptuais, definições textuais, enumerações, acepções particulares, ou seja, são de grande importância para a delimitação dos conceitos e para a redacção de definições terminológicas.

Os três tipos fornecem informações pertinentes para o estudo terminológico em geral e para todo o tipo de trabalho a desenvolver com os discursos de especialidade.

O estudo das reformulações nos discursos especializados revela, portanto, a teatralização dos significados que reconstrói saberes, aos quais podemos aceder pelas reformulações feitas em discurso, e revela os mecanismos pelos quais um emissor transforma o seu conhecimento em signos linguísticos, para além de justificar escolhas de significado e de denominação. Este processo evidencia os aspectos cognitivos inerentes à produção discursiva e às terminologias, pois as verbalizações revelam categorizações e as respectivas estruturas (relações intra e intercategoriais) e pode, eventualmente, vir a ajudar para a concepção e para a compreensão de modelos cognitivos com relevância para a inteligência artificial.

A nossa proposta visa, por isso, aceder a uma reconstrução exaustiva e rigorosa dos conhecimentos verbalizados e aos modos da representação discursiva da significação. A sistematização dos resultados desta análise tem grande interesse para a construção de ontologias e para a constituição de bancos de conhecimentos terminológicos tão completos quanto possível, assim como para a investigação nos domínios a que se refere a comunicação especializada.

Notas

¹ A denominação língua de especialidade, ainda que consagrada, é por vezes ambígua e confundida com língua para fins específicos, língua em especialidade, língua da especialidade, língua especializada, entre outros. Veja-se a discussão do conceito correspondente apresentada, por exemplo, por Kocourek (1991) e por Lerat (1995). Na perspectiva da ciência terminológica que defendemos, desenvolvida em Conceição (2001), esta denominação poderia ser substituída por outra denominação, mais transparente: discursos em especialidade.

² A título de exemplo, lembremos que no caso da área das tecnologias (sobretudo nas grandes multinacionais) os discursos produzidos em contexto empresarial, ainda que muito especializados, não são escritos por especialistas mas por redactores técnicos, o que pode, de alguma forma, falsear as análises de processos cognitivos e as inferências que se possam fazer. É óbvio que um discurso de especialidade escrito por um especialista e um discurso de especialidade escrito por um redactor técnico actualizam processos cognitivos e até, eventualmente, denominações e significações diferentes. Sublinhe-se que em algumas instituições empresariais ou laboratórios, por exemplo, existem mesmo livros de estilo que os redactores devem seguir.

³ Para além das unidades terminológicas, é de grande interesse considerar neste âmbito também as fraseologias ou paráfrases denominativas que correspondem a verbalizações de conceitos específicos mas que não têm (ainda) denominação fixa.

⁴ Veja-se o estudo apresentado em Conceição (2003) sobre a compreensão da leitura em língua estrangeira de especialidade.

⁵ O conceito de dicionário que aqui é usado corresponde a lista de palavras (neste caso de termos), na acepção que é dada a este termo em linguística computacional.

⁶ A seguir a cada um dos aspectos indicamos, em itálico e entre parêntesis, exemplos de marcas de reformulação ou de conectores reformulativos que permitem encontrar esses aspectos nas reformulações extraídas de um *corpus*. Saliente-se que o conceito de conector reformulativo é muito abrangente e que determinada expressão linguística só pode ser classificada como conector de reformulação ao nível do discurso e não ao nível da língua. Em Conceição (2001) distinguimos índice de reformulação de conector de reformulação.

Referências

- Cabré, Maria Teresa, 1999, *La terminología, representación y comunicación*, Barcelona, IULA.
- Carreira, Maria Helena, 1999, "La reformulation et ses effets dans la presse portugaise et française", in *Travaux et documents*, n° 4, pp. 245-266.
- Chukwu, Uzoma e Philippe Thoiron, 1989, "Reformulation et repérage des termes", in *La Banque des Mots*, n° especial, pp. 23-50.
- Conceição, Filomena, (2003), *A compreensão da leitura em Inglês – um estudo de caso em língua estrangeira de especialidade*, dissertação de Mestrado em Didáctica das Línguas e das Culturas Modernas, Faro, Universidade do Algarve.
- Conceição, Manuel Célio, 2001, *Termes et reformulations*, tese de Doutoramento em Linguística, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Gaudin, François, 2002, *Socioterminologie*, Louvain-la-neuve, Duculot.
- Kocourek, Rostislav, 1991, *La langue française de la technique et de la science*, Paris, La documentation française, 2ª ed.
- Lerat, Pierre, 1995, *Les langues spécialisées*, Paris, PUF.
- Rossari, Corine, 1997, *Les Opérations de reformulation, analyse du processus et des marques dans une perspective contrastive Français-Italien*, Berna, Peter Lang.
- Rossari, Corine, 2000, *Connecteurs et relations de discours: des liens entre cognition et signification*, Nancy, Presses Universitaires de Nancy.
- Temmerman, Rita, 2000, *Towards new ways of terminology description, the sociocognitive approach*, Amsterdão, John Benjamins.